

**ESCOLA DE SARGENTOS DAS ARMAS
ESCOLA SARGENTO MAX WOLF FILHO
CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM INFANTARIA**

Bruno Bianchini Raczkoviak¹
Filipe Kachniasz Filippin²
Gabriel Rezende Tiago³
Luis Henrique Escopel Silva⁴
Pedro Afonso Felix de Brito⁵
Roberto Matheus Silva de Melo⁶
Yago Furtado Ranieri⁷

**O EMPREGO DO PELOTÃO DE POLÍCIA DO EXÉRCITO NAS OPERAÇÕES
DESCENTRALIZADAS: capacidades e limitações do 3º sargento de infantaria**

¹ Graduando do Curso Superior de Tecnologia em Infantaria da Escola de Sargentos das Armas (ESA), e-mail: bruno.raczkoviak@hotmail.com

² Graduando do Curso Superior de Tecnologia em Infantaria da Escola de Sargentos das Armas (ESA), e-mail: filipekfilippin@gmail.com

³ Graduando do Curso Superior de Tecnologia em Infantaria da Escola de Sargentos das Armas (ESA), e-mail: gabrielrezendetiago643@gmail.com

⁴ Graduando do Curso Superior de Tecnologia em Infantaria da Escola de Sargentos das Armas (ESA), e-mail: Luis.escopel19@gmail.com

⁵ Graduando do Curso Superior de Tecnologia em Infantaria da Escola de Sargentos das Armas (ESA), e-mail: pedroafonsofelixbrito@gmail.com

⁶ Graduando do Curso Superior de Tecnologia em Infantaria da Escola de Sargentos das Armas (ESA), e-mail: robertomatheussdm@gmail.com

⁷ Graduando do Curso Superior de Tecnologia em Infantaria da Escola de Sargentos das Armas (ESA), e-mail: yagoranieri98@gmail.com

Bruno Bianchini Raczkoviak
Filipe Kachniasz Filippin
Gabriel Rezende Tiago
Luis Henrique Escopel Silva
Pedro Afonso Felix de Brito
Roberto Matheus Silva de Melo
Yago Furtado Ranieri

**O EMPREGO DO PELOTÃO DE POLÍCIA DO EXÉRCITO NAS OPERAÇÕES
DESCENTRALIZADAS: capacidades e limitações do 3º sargento de infantaria**

Projeto de pesquisa do Curso Superior de Tecnologia em
Infantaria apresentado à Escola de Sargento das Armas
como requisito para obtenção do título de Tecnólogo em
Ciências Militares

Orientador: Capitão Ulysses

Área de concentração: Ciências Militares

TRÊS CORAÇÕES – MG

2022



**ESCOLA DE SARGENTOS DAS ARMAS
ESCOLA SARGENTO MAX WOLF FILHO
FOLHA DE APROVAÇÃO**

Bruno Bianchini Raczkoviak
Filipe Kachniasz Filippin
Gabriel Rezende Tiago
Luis Henrique Escopel Silva
Pedro Afonso Felix de Brito
Roberto Matheus Silva de Melo
Yago Furtado Ranieri

**O EMPREGO DO PELOTÃO DE POLÍCIA DO EXÉRCITO NAS OPERAÇÕES
DESCENTRALIZADAS: capacidades e limitações do 3º sargento de infantaria**

Projeto de pesquisa do Curso Superior de Tecnologia em Infantaria apresentado à Escola de Sargento das Armas como requisito para obtenção do título de Tecnólogo em Ciências Militares

DATA: ____/____/____

APROVADO () REPROVADO ()

BANCA EXAMINADORA

Orientador Capitão Ulysses Paranaíba Coelho

RESUMO

O presente trabalho aborda a temática da atuação do terceiro sargento de infantaria no pelotão de Polícia do Exército (PE) e o seu grande impacto em qualquer tipo de missão. A pesquisa tem como objetivo destacar a importância da atuação do terceiro sargento de infantaria no pelotão de Polícia do Exército em operações descentralizadas. Isso porque a natureza das missões atribuídas a essa tropa exige do líder de pequenas frações elevado nível de integração com seus comandantes e comandados. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica, aliada à pesquisa qualitativa, tendo sido utilizados, como fundamentação, os manuais que alicerçam o emprego do Exército e os que definem a atuação da Polícia do Exército. A atuação dela se fundamenta em alguns pilares que norteiam sua forma de emprego, como o comando e controle, sendo que este fundamento define, de forma clara, que o planejamento e o controle centralizados, aliados à execução descentralizada, normalmente aumentam a eficácia das operações executadas pelos pelotões de polícia do Exército. Dessa forma, fica evidente que as ações descentralizadas necessitam da liderança exercida pelo terceiro sargento em suas frações, visto que a descentralização do comando é peça fundamental para o cumprimento dos objetivos da Polícia do Exército (PE).

Palavras chaves: Polícia do Exército. Sargento. Operações descentralizadas.

ABSTRACT

The present work addresses the issue of the performance of the third infantry sergeant in the Army Police platoon and its great impact on any type of mission. The research aims to highlight the importance of the performance of the third infantry sergeant in the Army Police platoon in decentralized operations. This is because the nature of the missions assigned to this troop requires the leader of small fractions to have a high level of integration with their commanders and subordinates. The methodology used was the bibliographic review, combined with qualitative research, having been used, as a basis, the manuals that underpin the employment of the Army and those that define the performance of the Army Police. Its performance is based on some pillars that guide its form of employment, such as command and control, and this foundation clearly defines that centralized planning and control allied to decentralized execution, normally increase the effectiveness of operations carried out by platoons of army police. In this way, it is evident that decentralized actions need the leadership exercised by the third sergeant in their fractions, since the decentralization of the command is a fundamental part for the fulfillment of the objectives of the Army Police.

Keywords: Army Police. Sergeant. decentralized operations.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Estrutura organizacional do Pelotão de Polícia Militar	15
Figura 2: Organograma do Batalhão de Polícia do Exército de Brasília	16
Figura 3: Dosagem orgânica mínima desejável de OMPE	17
Figura 4: PE em operações.....	19

LISTA DE SIGLAS

EB	Exército Brasileiro
ESA	Escola de Sargento das Armas
EUA	Estados Unidos da América
FEB	Força Expedicionária Brasileira
GC	Grupo de Combate
GLO	Garantia da Lei e da Ordem
GPE	Grupo de Polícia do Exército
OCCA	Operações de Coordenação e Controle entre Agências
OM	Organização Militar
OMPE	Organizações Militares de Polícia do Exército
PE	Polícia do Exército
PPM	Pelotão de Polícia Militar
BPEB	Batalhão de Polícia do Exército de Brasília

LISTA DE ABREVIATURAS

C Mil A	Comando Militar de Área
F Ter	Força Terrestre
1ª Cia PE	Primeira Companhia de Polícia do Exército

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
DESENVOLVIMENTO	14
REFERENCIAL TEÓRICO	14
Operações descentralizadas	14
Do Pelotão de Polícia Militar à Polícia do Exército dos dias atuais	14
Das Grandes Guerras do século XX aos Combates Modernos do século XXI	17
O emprego do Pelotão PE nos combates modernos	18
Terceiro Sargento de Infantaria	19
METODOLOGIA	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS	22

1 INTRODUÇÃO

Para iniciar os estudos sobre o emprego do pelotão de Polícia do Exército, é necessário entender a importância da liderança exercida pelo 3º Sargento de infantaria sobre a sua fração. Dessa maneira, será apresentada sua atuação em ações descentralizadas.

A realização deste trabalho tem como finalidade responder à questão norteadora: qual a importância da atuação do terceiro Sargento de infantaria nas missões do pelotão PE em ações descentralizadas? Para isso, sua atuação será abordada de forma a demonstrar as características e capacidades operativas. Tais características serão demonstradas no desenvolver deste trabalho, utilizando a revisão bibliográfica como metodologia para alcançar este fim. Esta investigação tem como objetivo geral analisar a influência do 3º Sargento de Infantaria dentro do Pelotão PE.

O comando das pequenas frações exige um alto grau de conhecimento e preparo, diante disso, o 3º Sargento de infantaria, recém-egresso da escola de formação, deve apresentar as características necessárias para bem desempenhar essa função. Dessa forma, destacar a relevância da atuação do comandante das pequenas frações é fundamental para que o futuro sargento tenha ciência da necessidade da especialização e capacitação que lhe serão exigidas.

As atividades desenvolvidas pela Polícia do Exército têm grande importância não só no meio militar, como também no meio civil. A possibilidade de proteção integrada constitui-se como uma de suas inúmeras capacidades operativas, como exemplo, a proteção de estruturas estratégicas, que permite a continuidade do funcionamento de instalações civis ou militares que tenham valor para a sociedade.

Com o avançar do tempo, os conflitos urbanos tiveram um crescimento acentuado, fato este que exigiu adaptações em todos os setores de defesa do país. Embora a criação da polícia do exército esteja ligada diretamente com a Segunda Guerra Mundial, com o intuito de compor os efetivos da Força Expedicionária Brasileira, seu emprego é direcionado para o combate urbano, sendo uma de suas especialidades. Apesar de ter atividades limitadas, a Polícia do Exército tem forte influência no meio civil, tendo em vista que, ao cumprir suas atribuições legais, corrobora o bem-estar social e a manutenção da ordem.

Segundo Brasil (2018, p.4-2), em seu Manual de Campanha Polícia do Exército EB-70-MC-10.239 (2018):

As Organizações Militares de Polícia do Exército (OMPE), dentre outras missões, são responsáveis pela condução de ações policiais que visam a apoiar a atuação dos Elementos de Combate, Elementos de

Apoio ao Combate e Elementos de Apoio Logístico em todas as dimensões do ambiente operacional.

A presença das OMPE em todos Comandos Militares de Área (C Mil A) demonstra a sua abrangência em todo o território nacional. A evolução do combate urbano passou a exigir do Exército a aptidão de responder aos novos cenários oriundos da grande expansão comercial e urbana das últimas décadas, apresentando novos desafios e exigindo adestramento específico para o cumprimento de missões descentralizadas, que demandam alto grau de controle, autonomia e liderança, principalmente do sargento, líder das pequenas frações.

Dessa forma, para o bom cumprimento das missões da PE, a atuação do terceiro sargento é insubstituível, tendo em vista que o cenário operativo exige a descentralização e a coordenação do comando. Sem este elo, a ligação entre o alto escalão e a ponta da linha seria extremamente dificultada, e a organização do pelotão PE seria comprometida, pois é a liderança do sargento em sua fração que permite a união do conjunto em um ambiente operacional complexo e descentralizado.

Com o passar dos anos e o avanço substancial das tecnologias bélicas, as ações no combate de amplo espectro vêm se tornando cada vez mais dinâmicas, exigindo uma descentralização das ações. Devido a esse fato, os pelotões de polícia do exército, que sempre foram de suma importância para o bom andamento dessas ações, empregam seus grupos de combate com um comando mais disperso, de modo a exigir uma atuação muito maior do 3º Sargento de Infantaria.

Tendo em vista que muitos alunos da Escola de Sargentos das Armas (ESA) exercerão essa função no ambiente da PE, torna-se de suma importância abordar o tema no meio acadêmico, para que o futuro sargento do Exército Brasileiro (EB) chegue ao corpo de tropa mais preparado para suas atribuições, bem como o sargento já atuante tenha a possibilidade de aumentar seus conhecimentos e aperfeiçoar sua atividade, facilitando o aprimoramento técnico profissional destes.

Além disso, conforme Brasil (2018), em seu manual de campanha EB70-MC10.239 Polícia do Exército é afirmado que a PE deve “Ser capaz de proteger a sociedade, participando, dentre outras ações, da garantia dos Poderes Constitucionais; da Garantia da Lei e da Ordem

(GLO); e da proteção de Estruturas Estratégicas”, trazendo, portanto, grande importância do tema também ao meio civil.

É notável que, devido à abrangência de emprego da PE ser de nível nacional, possuindo unidades em todos os Comandos de Área, o estudo sobre esses pelotões, bem como sua utilização, é relevante para todo o EB, principalmente devido à crescente descentralização do combate, assim como as ameaças de características assimétricas que são predominantes no campo de batalha da atualidade.

Também é possível perceber que os pelotões PE têm atuação constante nos tempos de paz, principalmente por conta da missão específica, sendo de competência deles, dar o suporte policial à Força Terrestre (F Ter), realizando as diversas atividades relativas à essa competência específica.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Referencial Teórico

2.1.1 Operações descentralizadas

No escopo deste projeto, utilizaremos a seguinte definição para operações descentralizadas: toda operação realizada por um pelotão ou grupo de combate atuando de forma isolada da fração que o lançou. Diante do cenário difuso e não linear em que os conflitos modernos ocorrem, as operações descentralizadas se revelam mais eficazes. A atuação de um Grupo de Combate (GC) ou Grupo de Polícia do Exército (GPE), por vezes, é mais eficiente que o emprego de um pelotão constituído, tendo em vista o reduzido efetivo que possui comparado a um pelotão ou companhia, o que favorece nas operações o quesito mobilidade e o sigilo, fatores preponderantes para o logro do êxito.

Conforme Brasil (2018, p.2-3), os fundamentos da PE afirmam que “o planejamento e o controle centralizados, aliados à execução descentralizadas, geralmente potencializam a eficácia dos resultados obtidos pela PE” e a “atuação descentralizada da PE exige que seus comandantes desenvolvam atributos necessários ao exercício da liderança, inclusive a de seus subordinados, conduzindo todos ao cumprimento da missão recebida”.

2.1.2 Do Pelotão de Polícia Militar à Polícia do Exército dos dias atuais

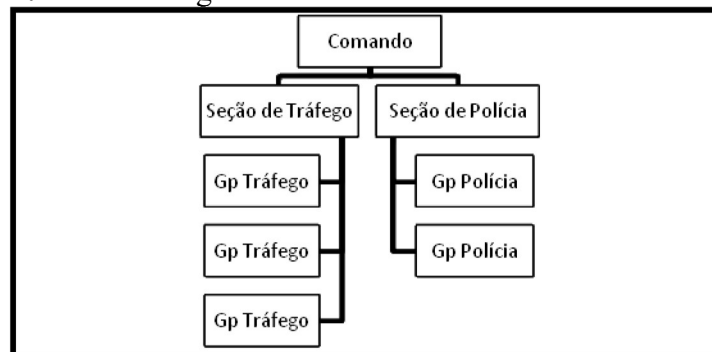
A Polícia do Exército tem sua gênese na 2ª Guerra Mundial, quando, de acordo com Brasil (2018, p. 1-2) “militares oriundos do 3º Regimento de Infantaria e policiais da Guarda Civil de São Paulo” foram lutar nos campos de batalha da Europa como parte integrante da Força Expedicionária Brasileira (FEB).

Inicialmente denominado de Pelotão de Polícia Militar (PPM), a tropa responsável por prestar suporte policial a Força Terrestre (F Ter) tinha a sua estrutura organizacional semelhante ao modelo do *Military Police Platoon (MPP)* tropa do exército americano que desempenhava atividades de caráter policial. Com um escalão destinado ao comando, a tropa policial da FEB foi composta por duas seções, a seção de tráfego, organizada em três grupos de tráfego, e a seção de polícia, organizada em dois grupos de polícia.

O PPM se mostrou fundamental para o Exército Brasileiro logo de início, quando, na viagem para a Itália, foi responsável por auxiliar na manutenção da disciplina a bordo do navio que transportava os militares brasileiros. Em solo europeu, o PPM teve atuação exemplar, sendo responsável por conduzir e vigiar cerca de 25 mil homens após a rendição de duas divisões alemãs e uma divisão italiana. Destacando-se, segundo Brasil (2018, p. 1-4) “por sua disciplina, elevado senso de cumprimento do dever e alto nível de adestramento”, o pelotão foi transformando em Companhia de Polícia Militar (CPM) devido à alta demanda de atividades de policiamento. Com o fim da guerra, a CPM foi denominada de 1ª Companhia de Polícia do Exército (1ª Cia PE), esta daria origem ao Primeiro Batalhão de Polícia do Exército (1º BPE).

A seguir, será apresentada a Figura 1, a qual ilustra a estrutura organizacional do Pelotão de Polícia Militar.

Figura 1: Estrutura organizacional do Pelotão de Polícia Militar



Fonte: Brasil (2018)

A Figura 1 apresenta a estrutura Organizacional do Pelotão de Polícia Militar, a qual começa com o Comando, em seguida, é subdividida entre a Seção de Tráfego e a Seção de Polícia, a primeira composta por três grupos de tráfego; já a segunda, dois grupos de polícia.

A Infantaria do Exército Brasileiro é a arma vocacionada a realizar o combate a pé, sob quaisquer condições meteorológicas e em qualquer tipo de terreno. Por essa razão, deve estar apta a transpor qualquer tipo de obstáculo, para isso, possui diversas unidades especializadas para cumprir as mais variadas missões, dentre as quais está a Polícia do Exército (PE). A PE é

responsável por prestar o suporte policial à Força Terrestre (F Ter), realizando suas ações baseada no conceito operativo do EB estabelecido no Manual de Operações MC-10.223.

Segundo Brasil (2017, p. 2- 16),

O conceito operativo do Exército é definido pela forma de atuação da Força Terrestre no amplo espectro dos conflitos, tendo como premissa maior a combinação, simultânea ou sucessiva, de operações ofensivas, defensivas e de cooperação e coordenação com agências, ocorrendo em situação de guerra e de não guerra.

A seguir, será apresentada a figura 2, que apresenta o organograma do Batalhão de Polícia do Exército de Brasília (BPEB), demonstrando a estrutura base desse tipo de organização militar.

Figura 2: Organograma do BPEB



Fonte: Site do BPEB

A PE é estruturada de modo que os Comandos Militares de Área tenham o suporte de um Batalhão de Polícia do Exército (BPE), as Divisões de Exército por uma Companhia de Polícia do Exército (Cia PE), e as Brigadas tenham o amparo de um Pelotão de Polícia do Exército, conforme a dosagem orgânica mínima desejável de OMPE por comando enquadrante.

A seguir, a figura 3 apresenta a dosagem orgânica das OMPE.

Figura 3: Dosagem orgânica mínima desejável de OMPE

COMANDO ENQUADRANTE		DOSAGEM ORGÂNICA MÍNIMA
FORÇA TERRESTRE	Comando Militar de Área	01 (um) Batalhão de Polícia do Exército
	Divisão de Exército	01 (uma) Companhia de Polícia do Exército
	Brigada	01 (um) Pelotão de Polícia do Exército

Fonte: Manual de Campanha EB-70MC-10.239 (2018)

A Figura 3 apresenta a dosagem orgânica mínima desejável da OMPE, em que separa o comando enquadrante por Comando Militar de Área, Divisão de Exército e Brigada.

No âmbito 6ª Brigada de Infantaria Blindada (6ª Bda inf bld), o 26º Pel PE, localizado em Santa Maria, é empregado diariamente, cumprindo as missões características da PE, como balizamento de trânsito, escolta de autoridades e comboios militares. Além de participar de operações de Garantia da Lei e da Ordem (Op GLO), o 26º Pel PE possui ainda uma seção de “Cães de Guerra” para apoiar nas atividades de patrulhamento, detecção e busca por ilícitos e explosivos.

A Organização da PE é o 36º Pelotão de Polícia do Exército Pára-quedista (36º Pel PE Pqdt), orgânico da Brigada Pára-quedista, no Rio de Janeiro, que, além de cumprir as missões atinentes da PE, desenvolveu uma doutrina aeroterrestre, na qual participa das operações de cabeça de ponte aérea, cumprindo missões de segurança pessoal do Comandante da Brigada Pára-quedista, segurança de pontos sensíveis mediante ordem, policiamento de localidades no interior da cabeça de ponte e canalização de refugiados de guerra conforme interesse da Brigada (MENEZES, 2016, p. 1).

2.1.3 Das Grandes Guerras do século XX aos Combates Modernos do século XXI

Na primeira metade do século XX, o mundo pôde testemunhar as surpreendentes evoluções dos combates, ocorrendo duas guerras em escalas industriais. Este fato nunca observado antes, sendo a 2ª Guerra Mundial considerada como Guerra de 3ª Geração em decorrência de suas características gerais que sofreram alterações, como a não linearidade dos conflitos e os meios empregados para fins militares, por exemplo o uso da aviação e dos blindados. As contendidas, nas duas grandes guerras, foram travadas entre as forças armadas de países cujo poderio bélico podia ser considerado como equivalente, prevalecendo a manobra sobre o fogo.

Para Clausewitz, 1883, I, c. 1, § 1, p. 1: “a guerra nada mais é do que um duelo em grande escala. Inúmeros duelos fazem uma guerra, mas pode ser formada uma imagem como um todo, imaginando-se um par de lutadores. Cada um deles tenta, através da força física, obrigar o outro a fazer a sua vontade”. A partir da segunda metade do século XX, aconteceu exatamente o oposto das décadas passadas, com potências bélicas combatendo países detentores de forças militares drasticamente inferiores, caracterizando as “Guerras Assimétricas”, nas quais o emprego de meios mais modernos e avançados por parte das nações mais fortes não são suficientes para subjugar a força adversária. Como exemplo, temos o Estados Unidos nos conflitos com o Vietnã do Norte e o caso da União Soviética lutando contra o Afeganistão. Ainda segundo Clausewitz, “a guerra é, portanto, um ato de força para obrigar o nosso inimigo a fazer a nossa vontade”.

Surge, no contexto de Pós Guerra Fria, o conceito de Guerra de 4ª geração, caracterizando os combates modernos, onde foi observado a predominância de combates em ambientes humanizados (urbano ou rural). Com a evolução dos conflitos armados, os combates interestatais diminuíram, “há, portanto, no atual cenário, uma predominância dos combates com participação de atores não estatais, ou seja, não convencionais, em relação aos tradicionais” (PEREIRA, 2019, p. 38).

Diante do novo cenário, os Estados Unidos da América (EUA) revisaram e atualizaram suas bases doutrinárias, planejamentos e diretrizes, firmando-se, então, no exército americano o conceito de Operações no Amplo Espectro, definido pela ocorrência simultânea ou sucessiva das operações ofensivas, defensivas e de estabilidade e apoio a população.

2.1.4 O emprego do Pelotão PE nos combates modernos

Segundo Brasil, “o caráter difuso e assimétrico das ameaças, a não linearidade do campo de batalha e a execução de ações sucessivas e/ou simultâneas nas operações requerem uma PE apta no sentido de prover o suporte policial necessário às forças envolvidas.” O Pelotão de PE pode ser organizado em até cinco áreas funcionais para prestar o suporte a força, como policiamento e investigação, apoio a mobilidade, custódia, segurança e assessoramento, treinamento e estabilização.

A PE deve ter condições de participar de operações militares realizadas pela Força Terrestre, em situação de guerra e não guerra, no país ou no exterior (BRASIL, p 5-1, 2018). Nas operações a PE tem como responsabilidade garantir a manutenção da disciplina e o

cumprimento das leis, ordens e regulamentos; controle de trânsito de veículos e de pessoas; escolta e guarda de prisioneiros de guerra internados civis e presos militares.

No cenário moderno do amplo espectro das operações, a PE tem como característica a ênfase nas ações de reconhecimento de estrada, eixos e vias nas operações ofensivas. Com as operações defensivas tendo o caráter estático, a tropa policial do EB é caracterizada tanto pelo “acentuado rigor na execução do controle da circulação do trânsito e de pessoas” quanto a “ênfase na colaboração nas ações de segurança da área de retaguarda” (BRASIL, 2018). Podendo ainda realizar operações de garantia aos poderes constitucionais, garantia da lei e da ordem, segurança de grandes eventos e autoridades e coordenação de área, no contexto de operações de cooperação e coordenação com agências.

A seguir, será apresentada a Figura 4, ilustrando a Polícia do Exército (PE) nas mais diversas operações.

Figura 4: PE em operações.



Fonte: Manual de Campanha EB-70MC-10.239 (2018)

Na imagem acima, a PE realiza ações de policiamento ostensivo, posto de bloqueio e controle de vias urbanas, operações de busca e apreensão, operações de controle de distúrbios e missão de escolta. Assim, auxiliando a segurança pública e fortalecendo o controle e a manutenção da paz.

2.1.5 Terceiro Sargento de Infantaria

A rainha das armas, como é conhecida a infantaria, é a alma de todo exército, a própria personificação do combate, arma que deve estar apta a combater todo tipo de inimigo em

qualquer situação. A atividade militar impôs a infantaria, segundo Salles (1971 p. 55), que a mesma “se tornasse a mais completa de todas as armas, por isso mesmo a mais complexa e, portanto, a que exige maior soma de conhecimentos técnicos”.

Em consequência disso, recai sobre o 3º sargento a responsabilidade de não somente adquirir, como também transmitir, para os seus subordinados os conhecimentos necessários à execução das atividades de infantaria, seja ela de combate, de serviços diários ou tarefas cotidianas de caráter administrativo da organização militar (OM). No corpo de tropa o sargento de infantaria, bem como os sargentos de outras armas nas suas respectivas OMs, pode desempenhar diversas funções, tal como auxiliar de munição, furriel, auxiliar do oficial de treinamento físico militar, entre outras. Entretanto, o comando de um Grupo de Polícia do Exército (GPE) é exclusivo do sargento de infantaria, como afirma Brasil (2018, p. 1-1) “a PE é uma especialidade de tropa da Arma de Infantaria” como define o manual de campanha EB”.

Ao comandante do GPE, alguns conteúdos atitudinais se tornam imprescindíveis para que o líder da fração obtenha êxito em suas missões juntamente com seu grupo em ações descentralizadas. A liderança como a capacidade de dirigir, orientar e propiciar mudanças nos comportamentos dos membros da fração com fins de atingir os objetivos da instituição, a decisão como capacidade de optar pela alternativa correta em tempo hábil e com convicção e a iniciativa de modo a agir adequadamente de maneira oportuna, observando que nem sempre o contato com o escalão superior será possível (BRASIL, p. 3. 1998).

Essas ações são facilmente identificadas em operações de controle de via, por exemplo, na qual o 3º Sargento está isolado, em determinadas ocasiões, com seus subordinados. Neste tipo de operação é corriqueiro o surgimento de adversidades, onde cabe ao comandante de grupo a rápida decisão e atuação para resolver o problema inoportuno. Além disso, é comum a necessidade de se agir sem autorização do escalão do superior, sendo de vital importância a característica da iniciativa.

2.2 Metodologia

O trabalho foi desenvolvido seguindo os parâmetros de pesquisa bibliográfica, com o auxílio do estudo exploratório em conjunto com a pesquisa qualitativa, tendo a finalidade de ajudar a compreensão da atuação do terceiro sargento de infantaria no pelotão de Polícia do Exército analisando suas capacidades, limitações e os conteúdos atitudinais inerentes a sua graduação.

Obedecendo ao pensamento de Prodanov e Freitas (2013), o qual afirma que o trabalho deve ter uma divisão das fases de confecção, executamos a primeira fase do projeto, a qual se caracteriza pela seleção do tema e a delimitação do problema de pesquisa, verificação de recursos por parte dos pesquisadores, por meio de materiais já publicados, como artigos científicos e manuais do acervo digital do Exército Brasileiro. Logo após foi executado a segunda etapa, fase construtiva, onde os pesquisadores elaboraram um plano de execução da pesquisa e colocaram em prática. Por fim, a fase redacional, caracterizada pela organização das ideias visando o relatório final do trabalho de conclusão.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atuação do terceiro sargento de infantaria nas missões descentralizadas da PE proporciona o grau de controle necessário a execução de tais atividades, tendo em vista que o ambiente operacional moderno exige grande autonomia da liderança. A Polícia do Exército desenvolve atribuições de grande importância, tanto no meio militar quanto no civil, executando, por exemplo, missões de proteção estratégica, garantindo a segurança e o funcionamento de estruturas fundamentais para a sociedade.

Em operações de guerra convencional, a liderança exercida pelo sargento é, de certa forma, restrita, pois esse tipo de operação exige uma maior centralização do comando, tendo em vista que as decisões táticas são tomadas considerando um amplo teatro de operações. O comandante das pequenas frações não tem tanta autonomia nesse cenário, considerando que seu grupo é parte de uma grande força que atua, muitas vezes, em objetivos específicos. O combate urbano, principal área de atuação da PE, permite grande autonomia ao sargento, que atua de forma descentralizada com seu grupo. O ambiente dinâmico das operações modernas exige decisões rápidas e flexíveis, o que torna o líder de pequenas frações uma engrenagem fundamental para o funcionamento desse sistema.

Diante disso, é notório que o sargento atua como pilar na estrutura da PE, desempenhando sua função como comandante de grupo, ele recebe a grande responsabilidade de tomar decisões imediatas face às ameaças e situações complexas que lhes são apresentadas. Assim, todos os aspectos que são necessários em um militar que atua nessa área são evidenciados, cada vez mais, naquele que conduz as pequenas frações ao cumprimento da missão devendo sempre tornar intrínseco os fundamentos da PE na sua tropa.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Manual de Abreviaturas, siglas, símbolos e convenções cartográficas das Forças Armadas MD33-M-02.
- BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Manual de Campanha C 20-10. Liderança Militar. 2ª ed. 2011.
- BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Manual de Campanha EB-70-MC-10.223. Operações. 5ª ed. 2017.
- BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Manual de Campanha EB-70-MC-10.239. Polícia do Exército. 2018.
- BRASIL. Ministério da Defesa. Exército Brasileiro. Organograma do BPEB. Batalhão de Polícia do Exército de Brasília, 31 de março de 2017. Disponível em:
<http://www.bpeb.eb.mil.br/index.php/organograma>
- PEREIRA, Victor Almeida. As Operações de Paz ante Ameaças Assimétricas Transnacionais. 2019.
- PRODANOV, C. C; FREITAS, E. C. Metodologia do trabalho científico, 2ª ed. 2013.
- SALLES, N. A Infantaria Moderna. A Defesa Nacional, v. 56, n. 638, 19 out. 2021.
- SILVA, Dinalva Ferreira da; SILVA, Dione Aparecido Ferreira da; SILVA, Eduardo Luine da; RODRIGUES, Thamara Marques. Metodologia de pesquisa. 2. ed. Três Corações. Escola de Sargentos das Armas. ESA, 2021, 78 p.